

KAIROS

MILITIA SANCTÆ MARIÆ

- COMPANHIA REGULAR E MILITANTE DOS CAVALEIROS DE NOSSA SENHORA -

NEWSLETTER N.º 6 | 24 DE JUNHO DE 2026



São João Baptista

**PERCURSOR DO SENHOR E
PATRONO DA CAVALARIA**



O primeiro número do KAIROS foi editado em 29 de setembro de 2019, dia em que a Militia Sanctæ Mariæ festeja o dia do seu Grão-Mestre, S. Miguel Arcanjo, Príncipe da Milícia Celeste. Propunha-se pautar a sua atividade na defesa da:

- Vida Humana (do nascimento ao seu ocaso natural);
- da Família (tal como ela é desejada por Deus);
- da Cultura que nos fez através dos tempos e a que não queremos nem podemos renegar sem perder a nossa identidade;
- da Criação e meio ambiente, obra de Deus, o único Criador, que nos foi emprestado para fruição e não destruição e que tão ameaçados estão na atualidade;
- da defesa dos Direitos de Deus e de todos os homens, sobretudo dos mais frágeis, dos perseguidos e esquecidos;
- pela promoção do Direito Natural que tantos, cada vez mais, recusam.

Hoje, no dia em que se celebra a Natividade de São João Baptista, Percursor do Senhor e Patrono da Cavalaria edita-se o n.º 6 do Kairos... boa leitura...

Imagem da capa: Nascimento de São João Batista. Tintoretto, atualmente no Museu Hermitage, em São Petersburgo

NESTE NÚMERO:

Jurgen Habermas

Um pensamento profético face às derivas contemporâneas da Bioética

p. 4 a 6

ROD DREHER em discurso directo

Entrevista publicada no site Infocatolica.com ao autor de "Como ser cristão num mundo que já não o é - a opção beneditina"

p. 9 a 14

São Bernardo

Curto esboço de uma biografia, apresentada por Carlos Aguiar Gomes no âmbito da 3.ª Peregrinação Mariana ao Santuário da Abadia

p. 15 a 23

São Bento, a Militia Sanctæ Mariæ e o acolhimento

... se um Irmão estiver de viagem, a casa de cada um ser-lhe-á aberta na medida do possível

p. 25 a 27

Avé Maria Gratia Plena p. 24

Notas sobre o silêncio p. 28

Marcha pela Vida em Roma p. 32

Santa Gertrudes p. 34

São Bartolomeu dos Mártires p. 34



www.msm-portugal.pt



<https://www.facebook.com/profile.php?id=100071139125215>



geral@msm-portugal.pt



Rua de Guadalupe, 73, 4700-298 Braga

“Cada geração recebe em herança a tarefa de dar forma ao seu tempo: de fazer amadurecer a história como um lugar onde a dignidade de cada pessoa seja salvaguardada, a justiça promovida e a fraternidade possibilitada.”

Papa Leão XIV, “ Magnifica humanitas”, n.º 1

EDITORIAL

... Portanto, este é o nosso KAIROS, o nosso tempo oportuno, para “dar forma ao seu tempo...”, como tão bem o afirmou o Papa Leão XIV na magnífica Carta Encíclica - “MAGNIFICA HUMANITAS”.

Cada um de nós é, neste aqui e agora, neste tempo com estas características desafiantes, que se é convocado, como Homem e Cristão, a dar o seu contributo total e sem reservas com sentido obrigatório para criar um ambiente favorável,

- onde a dignidade de cada pessoa seja salvaguardada;
- a justiça seja promovida;
- a fraternidade seja possibilitada.

Estas linhas de intervenção na “res publica” são um programa a cumprir. Por cada um de nós.

O Nosso Fundador, Dom Gérard Lafond OSB, costumava dizer com frequência, citando um historiador francês – Léon Gautier – que o grande objectivo da instituição que nos legou, a MILITIA SANCTÆ MARIÆ – Cavaleiros de Nossa Senhora, era e continua a ser a de “alargar cá em baixo as fronteiras do Reino de Deus” seguindo e segundo os grandes princípios da DOCTRINA SOCIAL DA IGREJA, com Maria, num

contexto beneditino-bernardiano e com espírito convictamente cavaleiresco (militante!).

São estes os grandes alicerces que temos de conhecer, identificar sem dúvidas, para cumprir o nosso carisma que se baseia nos chamados “princípios inegociáveis” como grandes pilares para a nossa acção para o serviço de uma humanidade ferida e que caminha perturbada, confusa e um pouco (ou bastante?) perdida por falta de um rumo claro e digno. Como dizia Aldous Huxley (escritor inglês - 1894/1953): “Os factos não deixam de existir porque os ignoramos” e poderia acrescentar-se: ou fingimos ignorar.

Vivemos uma época, a nossa, em que não podemos andar distraídos nem ficarmos indiferentes quando não andamos distraídos.

KAIROS pretende ser uma voz de alerta contra as distrações e indiferenças ao curso da História. Não somos revolucionários nem queremos fazer uma revolução ao contrário. O nosso objectivo principal é, neste tempo concreto e oportuno, contribuirmos para fazer o contrário da revolução cultural, espiritual ou religiosa em curso. É este o o projecto de **KAIROS**.

Um pensamento profético face às derivas contemporâneas da Bioética (*)



Jürgen Habermas (Dusseldorf - 18.6.1929 / Starnberg - 14.3.2026)

O falecimento de **Jürgen Habermas** em 14 de Março passado aos 96 anos, marca o desaparecimento de uma das grandes consciências filosóficas europeias, cuja obra não cessa de esclarecer os desafios bioéticos da modernidade, em particular no plano técnico-científico. Figura maior da filosofia crítica, Habermas terá influenciado profundamente os debates contemporâneos em Bioética, particularmente pela sua reflexão sobre o que denominava “eugenismo liberal”.

Desde o início dos anos 2000, em “O

Futuro da Natureza Humana” (tradução francesa da Ed. Gallimard, 2002), o filósofo alemão alertava para as mutações antropológicas induzidas pelo progresso das biotecnologias, nomeadamente no domínio do diagnóstico pré-natal e pela selecção embrionária.

Contrariamente a uma visão puramente tecnicista ou individualista, Habermas insistia nas implicações “inter-subjectivas” destas práticas: escolher as características genéticas de um

(...) a dignidade humana não pode ser condicionada por critérios biológicos ou funcionais e que os avanços científicos devem ser enquadrados por uma reflexão ética exigente, fundamentada sobre o respeito da autonomia, da dignidade de cada um e a igualdade de todos

JURGEN HABERMAS

nascituro não respeita somente de uma liberdade individual, mas compromete a própria estrutura da relação entre pais e filhos, mas também a igualdade fundamental entre os seres humanos.

O seu conceito de “eugenismo liberal” visava precisamente a denunciar uma deriva insidiosa: a da selecção genética já não imposta pelo Estado, como sucedeu nos eugenismos totalitários do século XX, mas encorajada pelo mercado, as normas sociais e as expectativas dos pais. Neste contexto, Habermas, pressentia de forma anunciadora que a liberdade de escolha arriscaria rapidamente de se tornar um constrangimento difuso, orientada por critérios de “performance”, se saúde ou de conformidade social.

As evoluções recentes das legislações nacionais e europeias em matéria de despistagem pré-natal parecem dar uma particular ressonância a estes avisos. A extensão dos testes genéticos (detecção de “riscos” sempre mais numerosos; teste pré-natal não invasivo; diagnóstico pré-implantatório no quadro de uma PMA, ou seja pré-concepcional), a sua banalização (proposta sistemática pelos cuidadores e com o apoio da Segurança Social) e a sua integração no seguimento médico corrente participam numa transformação silenciosa das normas sociais.

O risco já enfrentado por Habermas e além disso confirmado a vários títulos, é

o de uma deriva para uma forma de selecção sistemática, em que certas vidas humanas seriam julgadas menos dignas de ser vividas.

Ele próprio nasceu com uma ligeira malformação (lábio leporino), ele testemunha na sua juventude do horror das políticas eugenistas (Aktion T4 em particular) fundadas com base na ideologia nazi, esta experiência criou nele uma desconfiança durável face a qualquer forma de poder que pretenda definir o valor das vidas humanas. Em “O Futuro da Natureza Humana”, Habermas insiste, contudo, sobre o facto que o perigo não o é por um constrangimento imposto por um regime autoritário, mas por uma normalização difusa mais subtil, mas também mais problemática.

Nesta perspectiva, o pensamento “habermista” convida-nos a re-interrogar de modo fundamental certas práticas no plano bioético. Recorda que a dignidade humana não pode ser condicionada por critérios biológicos ou funcionais e que os avanços científicos devem ser enquadrados por uma reflexão ética exigente, fundamentada sobre o respeito da autonomia, da dignidade de cada um e a igualdade de todos.

Mais do que nunca, na hora em que as tecnologias genéticas e a inteligência artificial abrem campos inéditos, estamos certos de que a herança intelectual de Jurgen Habermas constitui uma referência essencial.

A sua crítica premonitória compromete-nos a não ceder a uma lógica puramente utilitarista ou tecnológica, mas a preservar o que funda a nossa humanidade comum: o reconhecimento mútuo entre indivíduos livres e iguais.

**Mais do que nunca,
na hora em que as
tecnologias genéticas
e a inteligência
artificial abrem
campos inéditos,
estamos certos de
que a herança
intelectual de Jurgen
Habermas constitui
uma referência
essencial.**

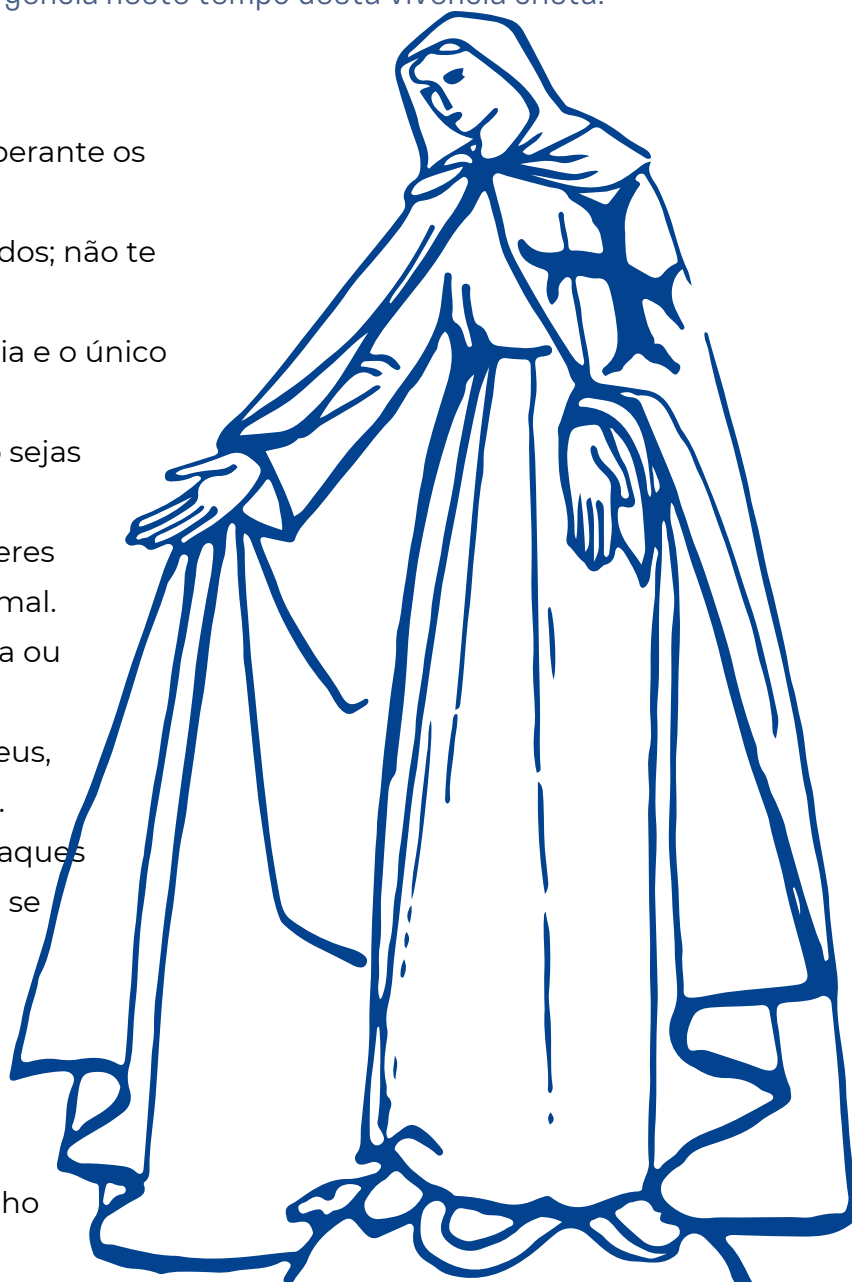
(*) COM AUTORIZAÇÃO DO INSTITUT EUROPÉEN DE
BIOÉTHIQUE – 14.IV.26

CAMINHOS PARA UM CAVALEIRO

- UM ROTEIRO PARA HOJE -

Segundo Mons Chaput, Arcebispo Emérito de Filadélfia – EUA – em conferência que proferiu em 6.II.2018, no Congresso “Into the Breach” em Phoenix – EUA – baseado no “Manual de Cavaleiro Cristão” de Erasmo de Roterdão. Nesta conferência, Mons. Chaput, fez o elogio da cavalaria cristã e da urgência neste tempo desta vivência cristã.

1. Aprofunda a tua Fé.
2. Age com a tua Fé; testemunha-a perante os outros de forma viva.
3. Analisa e compreende os teus medos; não te deixes governar por eles.
4. Faz de Jesus Cristo o teu único guia e o único objectivo da tua vida.
5. Afasta-te das coisas materiais; não sejas propriedade delas.
6. Treina a tua inteligência para poderes distinguir a natureza do bem da do mal.
7. Nunca permitas que qualquer falta ou retrocesso te afaste de Deus.
8. Enfrenta a tentação guiado por Deus, não por preocupações ou desculpas.
9. Está sempre preparado para os ataques daqueles que temem o Evangelho e se ressentem do bem.
10. Está sempre preparado para as tentações e faz o que poderes para as evitar.
11. Está alerta para dois perigos especiais: a cobardia moral e o orgulho pessoal.



Nossa Senhora dos Cavaleiros

12. Enfrenta as tuas debilidades e transforma-as em fortalezas.

13. Encara cada batalha como se fosse a última.

14. Uma vida de virtude não tem espaço para o vício; os pequenos vícios que toleramos tornam-se mortais.

15. Todas as decisões importantes têm alternativas; pensa nelas clara e honestamente à luz do que é correcto.

16. Nunca, mas mesmo nunca, renunciies ou cedas em qualquer assunto de natureza moral.

17. Tem sempre um plano de acção. As batalhas frequentemente ganham-se ou perdem-se antes de começar.

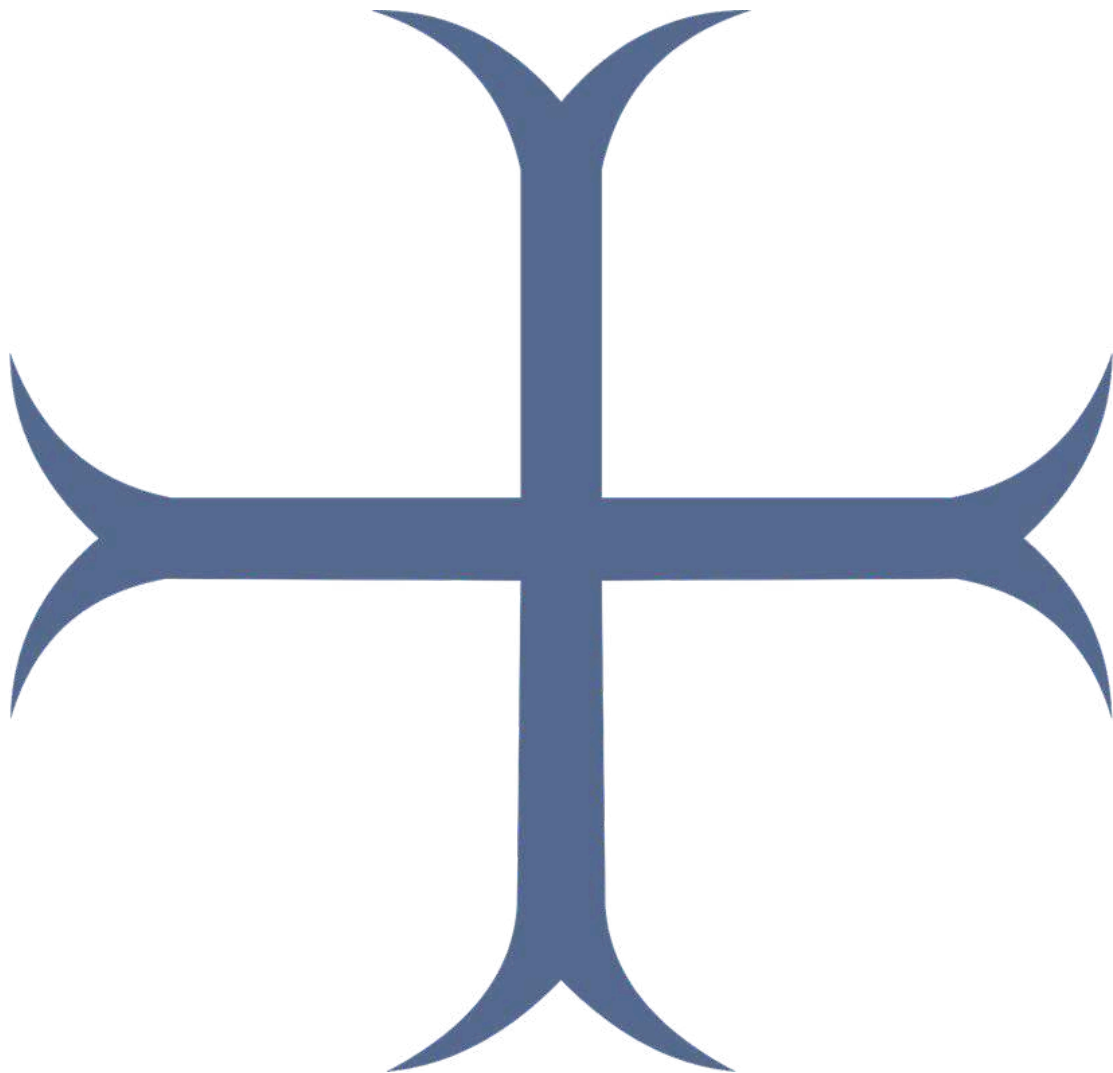
18. Pensa sempre com calma e com antecipação nas consequências das tuas escolhas e actos.

19. Não faças nada, em público ou privado, que as pessoas que amas não gostariam que fizesses.

20. A virtude é a sua própria recompensa; não precisa de aplausos.

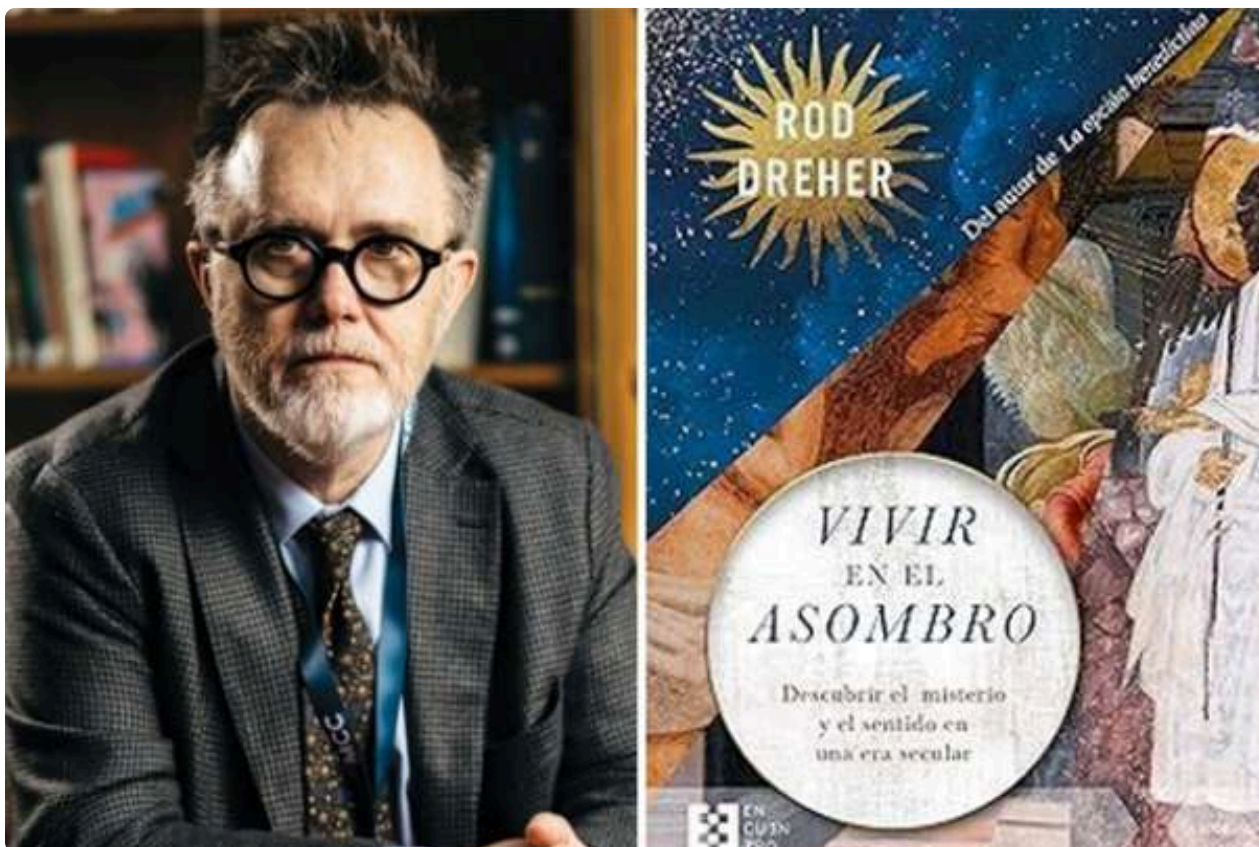
21. A vida é exigente e breve; faz com que conte.

22. Admite e arrepende-te dos teus erros, nunca percas a esperanças, dá força aos teus irmãos e começa de novo sem demoras.



ROD DREHER

em discurso directo



Escritor de fama mundial, os seus livros traduzidos em várias línguas, têm sido um sucesso. A mais notável obra sua é, sem dúvida, **“Como ser cristão num mundo que já não o é – a opção beneditina”** (e com edição portuguesa, mas acessível no original, inglês, espanhol ou na sua tradução francesa). Com esta obra, Rod Dreher, “fundou” uma corrente de opinião cada vez mais estudada e que é designada por “A opção beneditina”. Editou, também, **“Não vivas de mentiras, um manual para os dissidentes cristãos”**, onde passa ao crivo a secularização do Ocidente e a necessidade de uma resistência cultural cristã face ao que chama o “totalitarismo soft”.

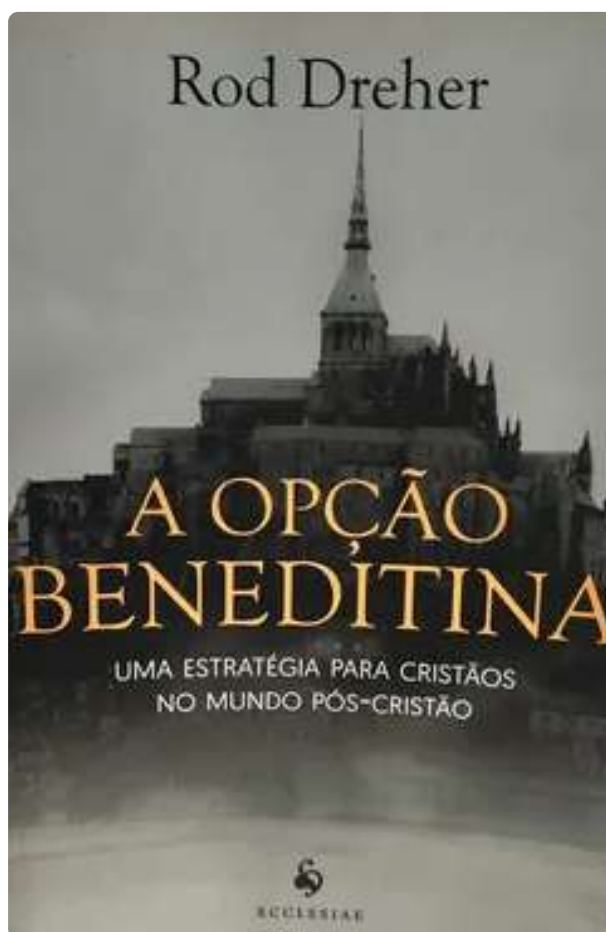
Kairos foi autorizado a publicar uma notável entrevista com o autor, publicada em “Infocatólica” (28.IV.26) e a quem estamos vivamente gratos. Rod Dreher acabou de publicar “Vivir en el asombro” e que é o ponto de partida para análise ao ponto a que chegou a nossa Civilização e o que devemos fazer nesta encruzilhada civilizacional.

- Por que decidiu escrever o livro intitulado “Viver no assombro”?

Porque na minha própria vida experimentei coisas maravilhosas: milagres e sinais de que o mundo é muito mais misterioso do que cremos e queria despertar noutros esta dimensão da realidade. Mais ainda, antes do mundo moderno, o cristianismo ensinava-nos a experimentar o mundo como algo maravilhoso, como um dom sacramental de Deus. Podíamos conhecer Deus com o nosso corpo, mas também com a nossa mente. Se tanto a Igreja Católica como a Ortodoxa ainda ensinam oficialmente, esta já não é uma experiência quotidiana de muitos cristãos no mundo moderno. Creio que a sobrevivência da fé cristã neste mundo desencantado depende de os cristãos recuperarem o assombro.

- Até que ponto é a continuação das suas obras anteriores. “A Opção Beneditina” e “Não vivas de mentiras, um manual para a dissidência cristã”? Poderá dizer-se que formam uma trilogia compacta?

Sim, é uma boa observação. Não procurei escrever uma trilogia, mas aconteceu. Porquê? O que mais me preocupa é como viver como cristão fiel no mundo moderno e pós-cristão. Cada um destes livros aborda esta questão fundamental, ainda que de maneiras diferentes.



- Que é para si o assombro e porque é que o homem ocidental perdeu a capacidade de se assombrar?

O assombro é simplesmente a sensação de se maravilhar face a algo externo a nós próprios, algo que intuímos que revela algo mais profundo sobre a natureza da realidade. É a profunda, frequentemente repentina, consciência de que a realidade é mais complexa do de acreditávamos. Todos já experimentámos assombro, mas nem todos respondemos adequadamente. A lição que devemos aprender de um assombro é escutá-lo dizer: “Deves mudar a tua vida”.

Temos perdido a capacidade de nos

assombrarmos porque vivemos num mundo que valoriza acima de tudo o que se pode medir e tornar útil. Mas o que é maravilhoso quase sempre são coisas que não são “úteis” no sentido comum da palavra. Que tem de “útil” “D. Quixote”? Que tem de “útil” a “Paixão segundo S. Mateus” de Bach, as pinturas do Renascimento italiano, um formoso jardim, um acto de bondade sacrificial ou o sorriso de um bebé? Nada. Mas estas coisas têm significado, porque nos convidam a sair de nós mesmos e da aborrecida experiência do quotidiano. Ajudam-nos a ser plenamente humanos, não só animais consumidores.

- Que factores nos embruteceram para que não possamos ver facilmente o que é nobre e a verdadeira beleza da vida?

Há muitas coisas, mas a mais importante é a mentalidade que nos leva a tratar tudo como só tem valor o que podemos usar. Esta forma de pensar deriva de uma ideia que começou a surgir há uns 600 anos, que afirmava que não existe uma conexão intrínseca entre o espírito e a matéria. Tal permitiu o desenvolvimento da ciência e da tecnologia e o avanço do capitalismo. Graças a isto, tornamo-nos ricos, poderosos e saudáveis e devemos estar gratos por tal. Mas, também, perdemos o sentido profunda da vida. Podemos ser ricos, poderosos e saudáveis fisicamente, mas

se não podemos discernir a finalidade de tudo isto – ou seja, qual o significado e o propósito da vida – então, terminaremos como muitos de nós, hoje: miseráveis e perdidos, vagueando pela vida como folhas arrastadas pelo vento.

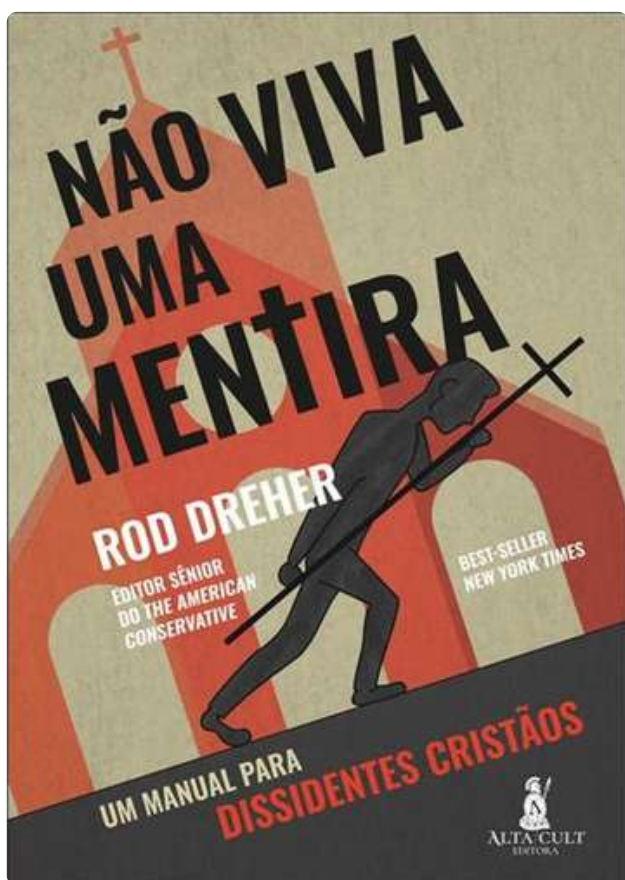
A diferença entre nós e de quem vê com assombro é a diferença entre turistas e peregrinos.

- Porque é urgente redescobrir o sentido da vida e aprofundar o seu mistério?

Se não experimentamos o assombro e permitir que nos transforme, que nos converta, chegaremos a acreditar que a única coisa que interessa na vida é exercer o poder e o controlo sobre o mundo. Inclusive aqueles que creem na moralidade, em última instância, não poderão defendê-la nem permitir que guie a sua conduta quando estiver à prova. Nietzsche tinha razão: se Deus não existe e o mundo natural não se funda numa dimensão transcendente e hierárquica da realidade, então o mundo pertence aos fortes e cruéis.

Nietzsche pensava que isso era bom. Eu não e não duvido que ninguém dos seus leitores o pense.

Mas se perdemos o sentido da santidade das coisas, da presença viva e activa de Deus no mundo, então a nossa religião converte-se pouco a pouco mais do que mero moralismo e ritualismo. Não me interpretem mal: a moral e os rituais são importantes! Mas se não se



fundamentam misticamente na realidade transcendente – em última instância, no Deus vivo, não do deus dos filósofos – então convertem-se em coisas mortas.

- Como nos conduz ao esquecimento do divino ao relativismo moral e ao nihilismo?

É simples: se Deus não existe, podemos fazer o que queremos, se podermos sair com a nossa. Além disso, se Deus não existe, as nossas vidas carecem de peso e de propósito. Torna-se difícil suportar o sofrimento e a injustiça. Há milhões de pessoas hoje em dia jamais seriam cruéis nem infringiriam a lei, mas sentem que as suas vidas estão vazias e sem sentido e que a vida não vale a pena

a menos que cumpra com certo nível de comodidade.

- Porque como também se ensina no “El Principito”, o essencial e o belo às vezes tornam-se invisíveis aos nossos olhos?

Não sei se há resposta fácil para esta pergunta, mas sei-o por experiência. Creio que tem que ver com o nosso desejo de tudo controlar. O que podes controlar não tem o poder de te encantar. O filósofo católico Joseph Pieper ensinou que o ócio é a base da cultura. Queria dizer que a contemplação – a capacidade de permanecer quietos e simplesmente contemplar o mundo, em vez de agir sobre ele para lhe impor a nossa vontade – é a raiz da construção da cultura. Existe uma conexão entre “culto” (religião) e “cultura”. Em última instância, aquilo que dá sentido às nossas vidas pode ser visível e não pode ser encerrado numa jaula nem medido em laboratório. Deve abordar-se numa perspectiva religiosa, isto é, desde a fé.

Nenhum de nós pode olhar directamente para o sol, mas sabemos que existe porque sentimos o calor dos seus raios na nossa pele e vemos a beleza do sol num prado. Creio que sucede o mesmo com Deus: não pode ser visto, mas podemos conhecê-Lo através dos efeitos. Nunca vi Deus, logicamente, mas o que me levou a converter-me ao cristianismo foi, primeiro, experimentar na minha

adolescência o grande impacto que teve sobre mim a maravilha da catedral de Chartres, construída por pessoas que realmente acreditavam em Deus e queriam edificar um templo formoso digno da sua glória e segundo, conhecer a um velho sacerdote cuja doce santidade me fez concluir que estava tão cheio de Deus que provavelmente era um santo. Nem a catedral de Chartres nem Monsenhor Carlos Sanchez eram Deus, mas ambos foram sinais sumamente poderosos que me mostraram o caminho até Ele.

- A que atribui que o cristianismo pareça tão insípido para o homem superficial?

Bom, para ser honesto, espero não ser superficial, mas a maior parte do cristianismo moderno parece-me insípido. Na nossa época, tratamos a fé como se fora um pouco mais do que um programa de auto-ajuda e um guião para sermos amáveis. O Deus da Bíblia não chama para sermos amáveis: chama-nos para sermos santos. O cristianismo é muito mais do que uma terapia para a classe média instalada. Até que vi a catedral de Chartres aos 17 anos, pensava que o cristianismo não era mais do que a classe média rezando, aprendendo do pastor a ser felizes e amáveis. Não queria nada disso, buscava algo mais profundo, algo grandeza espiritual.

Vi esse tipo de cristianismo pela primeira vez em Chartres e transformou-me. Nada na minha vida até então me tinha preparado para a visão do cristianismo que se fez visível nas pedras e vitrais dessa catedral medieval. Não saí da catedral naquele dia de verão de 1984 como cristão, mas saí dali em busca de Deus que tinha inspirado os homens oito séculos antes a construir aquele templo.

- Que devemos fazer para recuperar a capacidade do assombro e transformar a nossa vida e a nossa sociedade?

Primeiro devemos mudar a nossa mentalidade; isto é, devemos deixar de acreditar que o que vemos neste mundo é toda a realidade.

Segundo devemos recuperar a capacidade de concentrar a nossa atenção. Isto é muito difícil no mundo moderno, onde os ecrãs exigem a nossa atenção constantemente e a fragmentam.

Terceiro devemos buscar a beleza, a verdadeira beleza, com a convicção de que o desejo da beleza nos levará, em última instância, a um encontro com a fonte de toda a beleza: Deus. A maioria das pessoas pensa instintivamente que a beleza carece de significado, que existe somente para o prazer individual. Isto não está correcto. A verdadeira beleza é uma teofania, uma revelação, em certo sentido, do divino. Todos acreditaram nisto até aos finais da Idade Média.

Agora temos de lutar, de forma constante e contracultural para recuperar esta verdade que era evidente para os nossos antepassados. Sabem, realmente devemos afastar o mito do progresso, que nos diz que cada que passa acercamo-nos da Verdade. Não restam dúvidas que atingimos um progresso científico e tecnológico imenso e também material. Todos preferiríamos viver numa sociedade rica a viver numa sociedade pobre. Mas isto teve um preço insuportável: a perda do sentido do divino, do transcendente. Sabemos muito mais de ciência e economia do que um camponês medieval de Aragão, mas esse homem pobre e sem educação provavelmente sabia muito mais sobre a realidade espiritual que nós.

- Acredita que, perante a crise da modernidade e a desordem da libertinagem, possa haver um retorno à ordem e à beleza dos valores tradicionais?

Deus deu-nos o livre arbítrio, portanto, tudo é possível. Estamos a ver cada vez mais jovens chegar à conclusão de que as promessas deste mundo são falsas. Como me disseram os jovens que entrevistei o verão passado no início da peregrinação anual de Paris a Chartres: “A geração dos nossos pais não nos deu nada. Buscamos sentido, buscamos propósitos, buscamos transcendência,

buscamos comunidade... e buscamos Deus.”

O seu número cresce, logo que haja esperança. Mas, confrontam-se uma firme oposição dos estilos de vida modernos. Se quisermos viver verdadeiramente para Deus, na fé tradicional, devemos cultivar uma forte sensibilidade contracultural. Se quisermos ser verdadeiramente cristãos num mundo que odeia Deus ou que O esqueceu, devemos lutar por Ele e estar disposto a sacrificar-se. A maioria das pessoas hoje prefere a comodidade à verdade. Preferem viver na Matrix. Mas somos chamados a algo muito mais nobre e formoso. Somos chamados a viver no assombro: o assombro da glória de Deus.

“O cristianismo é para sermos santos, não uma mera terapia para a classe media acomodada”

SÃO BERNARDO

Curto esboço de uma biografia

Mariólogo, Mariano,
Taumaturgo, Padre e Doutor
da Igreja, Polemista,
Pregador papal de Cruzadas,
Reformador, Conselheiro de
Papas e de Reis e Inspirador
máximo da Cavalaria Cristã
...denominado pelo Papa
Inocêncio II de “muralha
inexpugnável que sustenta a
Igreja” ou como um dos seus
biógrafos escreveu: “[S.
Bernardo] foi o mais
esplêndido pilar da Igreja,
trombeta de Deus, doce
órgão do Espírito” ou “luzeiro
da Igreja”.



Foto | S. Bernardo na cripta da Basílica de São Bento da
Porta Aberta, Rio Caldo, Terras de Bouro, Portugal

S. Bernardo, hoje, continua a iluminar o mundo com estes títulos todos. O seu fulgor mantém-se inalterado e, assim, vai permanecer para sempre. A vida e a obra deste grande santo medieval (o maior santo do século XII) continua actual e vigorosa como então. O conhecimento de Bernardo, dito e conhecido como Bernardo de Claraval, “monge da sagrada militia de Claraval”, nestes nossos tempos demasiados turvos e turbulentos, tumultuosos no silêncio do vazio que ocupou as mentes dos nossos contemporâneos. De facto, como titulou um dos seus mais conhecidos livros, o filósofo francês, Gilles Lipovetsky, vivemos na “Era do Vazio” (1983). Mas é por causa do vazio do nosso tempo que aqui estou. Estou aqui e no vosso meio, com a minha tão grande ignorância e ousadia, a procurar alertar-vos para a actualidade da vida e colossal obra que nos legou o santo de Claraval, de seu nome Bernardo. Bernardo há-de, hoje, preencher o vazio em que nos encontramos pois, como poucos, Bernardo, foi, como verdadeiro “filho espiritual” de S. Bento, um constante e puro “Buscador de Deus” por Maria Santíssima. E legou-nos imensos “roteiros” espirituais e culturais para melhor buscarmos Deus sem cessar. “(...) *o seu espírito cavaleiresco animou e fortificou a espiritualidade cisterciense*” (Frei Geraldo D. Coelho, in “S. Bernardo e Alcobaça”).

Como é que eu, ousei dizer-vos algo sobre essa “muralha inexpugnável que

[continua] a sustenta[r] a Igreja”, quando olhamos para o “rosário” de epítetos que lhe são atribuídos?

“É conhecida a trajectória humana e espiritual deste homem, que encheu o século XII da Europa Medieval, com uma vida relativamente breve (1091-1153), a qual, por vocação, deveria ser passada no mosteiro, mas que, por obediência à Igreja e serviço dos homens, tantas vezes o atirou para fora da clausura como conselheiro de Papas e guia de Reis, pregador místico e inflamado para promover a vida monástica, defensor da fé contra os hereges, arauto da Cruzada contra os infiéis para a libertação dos Lugares Santos do Cristianismo em Jerusalém e na Palestina.” (Frei Geraldo Dias Coelho, in “S. Bernardo e Alcobaça”, pág. 9, Alcobaça, 2005).

A vida multímoda com um carisma inconfundível de Bernardo desde que com 30 familiares e amigos, todos jovens, entrou – 1112 – no recentemente formado mosteiro de Cister veio aprofundar, e de que modo, a vida cenobítica mais fiel à Regra de S. Bento.

Os três fundadores de Cister (Roberto, Estevão e Albérico) quase viram soçobrar o seu desejo de fazer revivificar a grande reforma beneditina de Cluny. Aquela chegada de Bernardo e seus companheiros a Cister veio dar um impulso absolutamente ímpar numa reforma que queria que a oração e o trabalho se coadunassem com a Regra

do Santo Patriarca do Ocidente, S. Bento. Não podemos esquecer que com a reforma de Cister e, sobretudo com o papel fundamental de S. Bernardo, que o trabalho manual, sobretudo o do mundo agrícola, passou a ter dignidade não reservada a escravos ou a classes socialmente baixas – eram os conhecidos laboratores de uma sociedade composta por belatores (os guerreiros) e pelos oratores (os monges). A importância decisiva da presença actuante e coerente foi de tal modo notável que, ainda hoje, muitos dos interessados nesta época e reforma pensam que S. Bernardo foi o fundador de Cister! Bernardo imprimiu o seu carisma de tal modo em Cister que este mosteiro muito rapidamente se consolidou e criou filiais por toda a Europa, tendo chegado a Portugal muito cedo (admite-se, com muita discussão à mistura, que a primeira fundação teria sido em 1138, em S. Cristovão de Lafões logo seguida de S. João de Tarouca em 1144 ou teria sido ao contrário?). Podemos dizer, sem faltar ao rigor histórico, que Portugal nasceu cisterciense, acrescentando-se que ainda em vida de S. Bernardo, e a poucos meses deste morrer (20 de agosto de 1153) o Rei Dom Afonso Henriques doou (8 de abril de 1153) a S. Bernardo o couto de Alcobaça, terrenos pantanosos que dois pequenos rios irrigavam, o Alcoa e o Baça, e que aí os monges fizeram nascer o nosso célebre mosteiro de Alcobaça cujo domínio chegava ao mar e hoje é o centro de uma cidade.



Foto | S. Bernardo, escultura em madeira policromada
Séc. XIX, propriedade da MSM

A espiritualidade bernardiana, a concretização do projecto dos fundadores de Cister, será vivida na oração, no trabalho e na leitura. Por isso, ou melhor, para atingir este desiderato, era preciso que o mosteiro tivesse uma geografia bem precisa. Um mosteiro, a sua localização, nunca era deixada ao acaso. Um mosteiro teria de ter a sua “alma” que traduzisse a vida que intramuros se devia viver. Num texto que escrevi para assinalar os 900 anos da fundação de Claraval, disse o seguinte e que mantenho com pequena modificação:

“O sítio” de um mosteiro, como já referi, era um lugar teológico, “schola” e deserto, lugar despojado de tudo o que pudesse afastar o grande e único

objectivo do monge ser um “Buscador de Deus” que nada o distraísse e afastasse dessa busca e escola do serviço do Senhor, no dizer de S. Bento, onde cada monge pela oração, Ofício Divino, Missa e Lectio Divina e até pelo trabalho manual, nunca deixasse de procurar Deus. Por isso, as palavras tinham de ser reduzidas ao máximo para deixar todo o tempo e espaço para a Palavra.

Todo o mosteiro deveria, pois, ser um convite a encontrar Deus. Não é por acaso que a cela e o claustro são quadrados, recordando e orientando os monges para ter sempre presente que a Lectio divina se faz por etapas que os lados dos quadrados do mosteiro procuram evidenciar: lectio, meditatio, oratio e contemplatio. E, citando S. Bernardo na obra “De consideratione ad Eugenium Papam” que usa esta imagem do quadrado tão cara aos cistercienses: “Quid est Deus? Longitudo, latitudo, sublimitas et profundum”. Ou, como refere Juan Maria de la Torre (in Obras Completas de San Bernardo, Ed. BAC, Madrid, 1993, pág.46): A liturgia cisterciense está embricada no símbolo da pedra quadrada e nua que é Cristo e na vivência quadrangular do claustro. Os sermões “ao longo do ano” “são agrupados segundo as quatro estações e segundo as quatro etapas da vida de Cristo: infância, maturidade, paixão e ressurreição-ascensão”. Também nada de decorações dispersivas. A simplicidade era e teria de

ser a norma. Toda a riqueza a procurar estará no interior – omnis gloria ad intus (l.c). A este propósito vale a pena ler a carta que escreveu ao seu amigo cluniacense, Guillaume de Saint Thierry, sobre os luxos e exageros artísticos que se evidenciavam em Cluny! Convido-vos a observar o hino à simplicidade orante que é a igreja monástica de Alcobaça... atrevo-me a afirmar que esta é uma verdadeira e fiel oração bernardiana em pedra, pura e branca. Nesta igreja, nada nos distrai, nada nos dispersa. Tudo nos convida à oração!

“Que nenhuma inquietude te perturbe o repouso. Vives num lugar retirado, bem plantado, regado e fértil. “Assim define o claustro e, por antonomásia o mosteiro, Gilberto de Hoyland (cf op. cit. pág. 48): simples, despojado, retirado do mundo, numa palavra: orante.” Era este o entendimento cisterciense, na forma bernardiana, do que devia ser um mosteiro que transparecesse e ajudasse a compreender e viver o autêntico espírito da Regra de S. Bento. Era aí que o monge, tal cavaleiro de Cristo, “milites Christi”, teria que lutar por se aperfeiçoar na busca incessante de Deus. Sim, segundo S. Bernardo, era no claustro (mosteiro) que o monge deveria aprender a lutar com valentia e “suor da alma” a busca de Deus. O mosteiro, lugar teológico, era, sobretudo, um campo de batalha de cada monge para derrotar o mal em si e na comunidade. A espada era a oração e um espírito orante em

permanência, no campo, na forja ou nos scriptoria.

S. Bernardo vivia e transmitia aos seus monges, este grande ideal de cavaleiro de Cristo. É este o ideal que, a pedido do fundador dos Templários, Hugo de Payens, Bernardo vai apontar a estes cavaleiros e para eles escreve uma pequena, mas extraordinária, pequena obra que ainda hoje mantém a sua vitalidade – “De laude novæ militiæ”. obra composta entre 1132 e 1135.

Bernardo, inspirado nos grandes ideais da cavalaria, cristificando-a. Este precioso livrinho é, no dizer de Frei Dom Geraldo Dias Coelho OSB (op. cit., pág.23): “(...) um livro de guerra e para a guerra, bem dentro do espírito da cruzada medieval, enquanto luta religiosa pela defesa e libertação dos lugares santos, sem esquecer, todavia, os deveres e os ideais da santidade cristã (devotus exercitus), talvez por isso mesmo escrito pelo mais ardoroso místico cristão da Idade Média”. Nesta curta transcrição, creio que se compreende a grande alma de lutar intrépido que foi S. Bernardo, um verdadeiro cavaleiro que se nunca recusou ao combate por Cristo e pela sua Igreja mesmo que tivesse de sair da sua amada clausura, como o fez inúmeras vezes. Por isso, ele é modelo entre os grandes modelos da cavalaria cristã de que o mundo actual tanto carece.

O mundo actual não precisa de capas para desfilar em procissões mesmo que elas acobertem o nome de cavaleiros. Este nosso mundo precisa de combatentes pelos direitos de Deus e dos homens que, na humildade e simplicidade, buscam Deus pelo Seu serviço desinteressado e despojado do supérfluo e ... ridículo. O mundo actual envia-nos a mensagem muito simples de que não precisa de cinzas, mas, sim, de brasas com fogo ardente.

Seja-me permitido citar, a propósito, São João Paulo II Magno na Exortação Apostólica *Christifideles laici*: (...) “Temos, pois, de encarar de frente este nosso mundo, com os seus valores e problemas, as suas inquietações e esperanças, as suas conquistas e fracassos: um mundo, cujas situações económicas, sociais e políticas e culturais, apresentam problemas e dificuldades mais graves do que o que foi descrito do Concílio na Constituição pastoral *Gaudium et Spes*” ... “Não há lugar para o ócio (...)” e “(...) a ninguém é lícito ficar inactivo” (C.I. nº3).

O Papa Pio XII, em 24 de Maio de 1953, publicou um dos mais notáveis

documentos pontifícios sobre S. Bernardo, no VIII centenário da sua morte, a Carta Encíclica “Doctor Mellifluus”, obra que nenhum admirador deste grande santo pode ignorar. Neste documento, Pio XII, inicia-o desta forma esclarecedora: “O doutor melíflu, último dos padres, mas não inferior aos primeiros, distinguiu-se por tais dotes de mente e de espírito, enriquecidos por Deus com dons celestes, que pareceu dominar totalmente nas múltiplas e turbulentas vicissitudes da sua era, por santidade, sabedoria, suma prudência e conselho de acção”. Dificilmente se pode dizer mais e melhor sobre esta figura ímpar do cristianismo.



Foto | Aleitamento de S. Bernardo por Nessa Senhora, Museu Pio XII

Continuando a citar o Papa Pio XII l.c. n.º 7): “E depois o seu estilo vivaz, florido, abundante e sentencioso é tão suave e doce que atrai o espírito do leitor, deleita-o e eleva-o para coisas do alto; excita, alimenta e dirige a piedade; força, enfim, o ânimo a procurar atingir os bens que não são caducos e passageiros, mas verdadeiros, certos e eternos.” Sim, S. Bernardo tinha um estilo forte, vivaz, corajoso, destemido, pronto e certo. Nunca temeu anunciar a Boa Nova. Um estilo cheio de sagesa que não se centrava em si, mas de si partia para o mundo. A este propósito disse-nos S. Bernardo, algo que se lhe aplica na perfeição: “*Que faria a ciência sem o amor? Envaideceria. Que faria o amor sem a ciência? Erraria. Só resplandecer é vão, só arder é pouco; arder e resplandecer é perfeito*”. (Penso que foi a este pensamento de S. Bernardo que o nosso São Frei Bartolomeu dos Mártires foi buscar o lema para o seu extraordinário ministério arquiépiscopal: ARDERE et LUCERE).

Pio XII na Carta Encíclica a que temos referido (n.º 6) diz: “(...) *como águia que procura fitar o sol, com voo rapidíssimo tende para o vértice da verdade. A caridade, como agia, não conhece impedimentos e como que dá asas à inteligência. Para ele, a doutrina não é meta última, mas caminho que conduz a Deus; não é coisa fria, em que inutilmente o espírito, como se vagueasse enfeitiçado por flutuantes fulgores, mas é movido, impelido e*

governado pelo amor. Por isso, São Bernardo, amparando por tal sabedoria, meditando, contemplando e amando, eleva-se ao supremo ápice da ciência mística, e une-se com o próprio Deus, gozando já nesta vida mortal a bem-aventurança infinita.” Era assim São Bernardo. O santo, já aclamado como tal em vida, não temia disputas fortes e valentes. São inúmeros os casos em que o vemos com imenso entusiasmo e veemência defender a verdade e a Igreja. Com igual força e convicção defende o ideal beneditino que se vivia em Cister, no seu Claraval e respectivas filiações. Recordo, a propósito, e permito-me recomendar a sua leitura, a célebre “Apologia a Guilherme de Saint-Thierry”, absolutamente notável, corajosa, desassombrada e fiel ao seu espírito de pobreza, simplicidade e humildade. Nesta Apologia, podemos compreender melhor a espiritualidade de Bernardo manifestada pela arquitectura, a arte, a gastronomia ou as roupagens!

Não poderia deixar de dar uma brevíssima referência ao amor total e absoluto, verdadeiramente modelar, de S. Bernardo para com a Santa Mãe de Deus. No conhecido “Sermão no Domingo entre a Oitava da Assunção”, S. Bernardo, enlevado, proclama: *“Ó Santa Mãe deveras uma espada trespassou tua alma!... A violência da dor trespassou de tal modo a tua alma, que justamente podemos chamar-te mais do que mártir,*

porque em ti a participação na paixão do Filho superou muito em intensidade os sofrimentos físicos do martírio.” Como afirmou Pio XII *“Bernardo não tem dúvidas: “per Mariam ad Iesum”* (op. cit.). São Bernardo é, se não o maior, um dos maiores santos marianos de todos os tempos!

Empolgado e empolgante, S. Bernardo louva Maria, socorro dos aflitos e âncora nos nossos naufrágios: *“É esta nobre estrela [Maria], descendente de Jacob, cuja irradiação ilumina o universo, cujo esplendor brilha nos céus e penetra até aos infernos. Ela irradia sobre a terra, aquecendo as almas mais do que os corpos, reavivando virtudes, destruindo os vícios. Sim, ela é esta brilhante e maravilhosa estrela que domina felizmente o nosso mar imenso, cintilando de méritos, resplandecente de virtudes. Ó vós, pois, que flutuais sobre a corrente deste século que não caminhais sobre a terra, fixai os vossos olhos sobre a estrela, se não quiserdes soçobrar sob as vagas. Foste assaltado por ventos das tentações, precipitado sobre os escolhos das tribulações: olha para a estrela, clamai por Maria. Foste varrido pelas vagas do orgulho, da ambição, da má língua ou da inveja: olha a estrela, clama por Maria. Se a cólera, a avareza ou as solicitações da carne agitam a barca da vossa alma, olha para Maria. Se perturbado pela enormidade dos vossos crimes, confundido pela fealdade da vossa consciência, aterrorizado pelo*

horror do vosso julgamento, vos sentirdes descer no abismo da tristeza, no abismo do desespero: pensai em Maria. Nos perigos, nas angústias, invocai Maria, tende-a sempre nos vossos lábios, sempre no vosso coração; e, para obter o sufrágio da sua oração, nunca deixeis de seguir o seu exemplo da sua vida. Tanto quanto a seguirmos, não nos desviaremos; tanto quanto pensarmos nela, não erraremos. Como seu apoio, não podemos cair; sob a sua protecção nada temeremos; sob a sua protecção nada temeremos; sob a sua protecção nunca nos cansaremos; sob o seu favor, alcançaremos; assim sentimos em nós mesmos a verdade destas palavras: o nome da Virgem era Maria". Para S. Bernardo, Maria, ele que lhe chamou pela primeira vez a Maria de Nossa Senhora, é a plena na sua Mediação em todas as circunstâncias da nossa vida. Não se lhe atribuem tantas das nossas orações marianas ("Lembraivos...", entre outras ou a parte final suplicante da Salvé Rainha ou os versículos que em êxtase rezou no Ave Maris Stella – *Monstra te esse matrem...* – enquanto Nossa Senhora o alimentava com o seu leite, o leite que tinha amamentado Jesus...)?

É este fulgor do amor à Theotokos por este humilde e combativo monge, S. Bernardo que afirmou: "... o amor não conhece temor reverencial. De facto, amor vem de amar, não de reverenciar. O amor transborda, o amor chega,

assimila e submete todas as outras afeições. Por isso, quem ama, ama e mais nada". Para S. Bernardo, amor é também entrega sem medida e essa entrega a Maria que tanto o definia e define é o caminho mais curto e eficiente para chegar a Jesus, o fim último do monge. "*A causa para amar a Deus é o próprio Deus; amá-lo sem medida.*"

Só Jesus "*é mel para os lábios, cântico para os ouvidos, júbilo para o coração*" (mel in ore, in aure melos, in corde iublibum) e aqui está a explicação para o Santo de Claraval ser conhecido por Doutor Melífluo. Aquele que escorre mel no louvor a Jesus Cristo como tão felizmente o representa a estátua de São Bernardo que podemos ver na cripta de S. Bento da Porta Aberta.

Sei que ficou muito, muitíssimo, por referir. A Vida e a obra de S. Bernardo é imensa e riquíssima. Atentemos nos epítetos com que iniciei este escrito e veremos que falta muito mais para referir do que eu aqui deixei registado. S. Bernardo perdoar-me-á esta falha!

Fénélon, teólogo francês do século XVII, referindo-se aos estudiosos e devotos de S. Bernardo disse: "*Doces e ternos escritos, tirados e tecidos pelo próprio Espírito Santo, precioso monumento que enriqueceu a Igreja, ninguém vos poderá apagar! E pelos séculos fora, longe de vos obscurecer, tirará de vós a*

luz. Vós vivereis para sempre e Bernardo viverá em vós!" (Mgr. Cristian, in "Saint Bernard de Clairvaux, Paris, 1961). Que assim seja e nós não desistamos de conhecer e estudar os imensos e variados escritos que ele nos deixou.

Aqui e hoje nesta 3.^a Peregrinação à Senhora da Abadia onde durante séculos (até 1834) monges "bernardos" (assim foram e são conhecidos os cistercienses) do aqui próximo mosteiro cisterciense de Santa Maria (de Bouro) guardaram e rezaram à Mater Cistercium quisemos homenagear S. Bernardo e pedir-lhe a sua interceção junto de Nossa Senhora por quem tinha um amor cuja medida era sem medida.

Nota:

À sua morte, S. Bernardo fundou directamente, 70 Abadias e tinha 174 afiliadas a Claraval.

Datas importantes:

1. Nascimento – 4.XII.1090
2. Entrada em Cister – 1113
3. Abade de Claraval – 1115
4. Concílio de Latrão – 1141
5. Pregação da Cruzada em Vezelay – 31.III.1146
6. Canonização – 18.I.1174
7. Doutor da Igreja – Pio VIII – 1830
8. Morte – 20.VIII.1153

LOA A S. BERNARDO DE CLARAVAL

Desde menininho, Bernardo, conhecia o Caminho
Que o levou a Cister. Insatisfeito, funda Claraval.
Bernardo fez da vida sua espada, seu combate.
Deus, torna-se para ele e os seus o Essencial.

Refrão: Ó S. Bernardo glorioso
Doce cantor de Maria
Sê p'ra mim sempre guia
Nas noites da minha vida!

Despojado de tudo, só lhe interessa a Verdade
A quem se doa e entrega totalmente.
Percorre todas as veredas, aconselha poderosos
Com seu exemplo e palavra ardente.

A Mãe de Deus canta sem fadiga: dá-nos a Vida!
À clemente, à piedosa, à sempre doce Virgem Maria
Suplica sem cessar que mostre ser sua Mãe
E nas dificuldades a tenha sempre por guia.

O pobre monge claravalense a tudo renuncia.
Uma ideia, uma luta, uma força o conduz:
Na escuridão das noites e na luz de cada dia
Por Maria, Nossa Senhora, um dia ver Jesus!

(*) Carlos Aguiar Gomes - conferência proferida no âmbito da 3.^a Peregrinação Mariana ao Mosteiro de Nossa Senhora da Abadia (01 de Maio de 2026)

Ave Maria Gratia Plena (*)

**Foi esta a Sua vinda! Eu tinha esperado ver
Uma cena de maravilhosa glória, como se contava
De certo deus que, feito chuva de ouro,
Venceu cadeias e fecundou Dánae.**

**Ou uma visão terrível, como quando Sémele,
Doente de amor e de desejo insaciado,
Rogava para ver o esplendor do corpo do deus, cujo fogo,
Envolvendo seus membros morenos, totalmente a consumiu.**

**Com tão grandes expectativas procurei este lugar sagrado,
E agora, com os olhos e o coração maravilhados, deparo
Com este supremo mistério do Amor:**

**Uma jovem de rosto pálido e sereno,
Um anjo segurando um lírio,
E, de asas abertas, pairando sobre ambos, uma Pomba.**

(* Original de Oscar Wilde, traduzido por Manuel Rodrigues Fontes

São Bento, a *Militia Sanctæ Mariæ* e o acolhimento (*)

“Todos os hóspedes que se apresentam no mosteiro sejam recebidos como se fosse Cristo em pessoa”... “E a cada qual sejam prestadas as honras convenientes, de modo particular aos «domésticos da fé» e aos peregrinos”
Regra, Cap. LIII

Este é um dos capítulos mais marcantes do carisma beneditino. Na realidade é proverbial o acolhimento dos hóspedes, ainda hoje, em qualquer mosteiro que segue a Regra, seja dos chamados monges negros ou beneditinos ou dos monges brancos, bernardos ou cistercienses. Quem já passou por um destes mosteiros sentiu bem que era acolhido com toda a caridade e atenção, fosse lá acolhido para um retiro, um dia de reflexão/oração ou, até de repouso. A ninguém é imposta a frequência do culto. A todos, somente, se pede o silêncio e cumprimento do horário das refeições. O acolhimento é, sem qualquer dúvida, uma das marcas mais fortes deste carisma...

“Os pobres e os peregrinos sejam recebidos com cuidado e solicitude muito particulares, porque é

principalmente na pessoa deles que se recebe Cristo.” Será bom recordarmos do que teriam sido os mosteiros beneditinos durante séculos quando a pobreza era imensa e o número de peregrinos também (havia inúmeros locais de peregrinação por toda a Europa medieval). Mas esta hospitalidade mereceu de São Bento grande atenção e deixou as suas orientações na Regra. Por exemplo, no concernente à hospedaria (ainda hoje todos os mosteiros têm a sua hospedaria), o Santo Patriarca refere: **“Da hospedaria deve igualmente encarregar-se um irmão cuja alma esteja possuída do temor de Deus. Nela deve haver camas preparadas em número suficiente. Assim, a casa do Senhor será por homens sábios sabiamente governada”.**

Num mundo tão materialista e

indiferente aos outros, este capítulo da Regra alerta-nos para a urgência de nos deixarmos beneditizar, tornando as nossas casas, dentro do possível e razoável, verdadeiras casas de acolhimento a tantos dos nossos familiares ou amigos a quem falta o tecto de um coração acolhedor face ao mundo gelado de afectos.

medida do possível todo o tempo que for necessário (...)". Todo este capítulo é um reflexo do sentido do acolhimento da Regra de S. Bento. Acolhimento e entre - ajuda aberta, de forma muito clara, ao auxílio intra-comunitário mas igualmente aos mais necessitados e provados pelas diferentes formas de pobreza. E injustiça.



Foto | Quarto da hospedaria do mosteiro de En Calcat - França

A Regra da Militia Sanctae Mariae – Cavaleiros de Nossa Senhora, de forte inspiração beneditina, dedica todo o capítulo XIX precisamente ao acolhimento fraterno no mesmo espírito de São Bento, não fosse o seu Fundador, Dom Gérard Lafobd OSB um beneditino. A última frase do parágrafo 1. atesta-o bem. Vejamos o que diz: "(...) **Do mesmo modo, se um Irmão estiver de viagem, a casa de cada um ser-lhe-á aberta na**

Por que não somos mais acolhedores face ao outro que mendiga uma palavra de carinho ou gesto de ternura, por exemplo?

Por que fechamos tantas e tantas vezes o nosso coração a quem nos pede um minuto de escuta com o pretexto de que temos muito a fazer?

Não é esta a disponibilidade que marca o

acolhimento marcado pelo carisma de S. Bento plasmado na nossa Regra?

Como nos esquecemos tão assiduamente de que Cristo bate à nossa porta que se fecha por egoísmo!

Este capítulo da Regra de S. Bento, que aqui muito brevemente comentei, merece uma leitura atenta. E compaginando-a com a nossa Regra.

Como repete várias vezes S. Bento “nada antepor ao amor de Cristo”. E o hóspede é Cristo que nos bate à porta. Continuo a dizer que S. Bento escreveu a Regra para monges, para os cenobitas, que não são os leigos com família e trabalho fora e longe de sua casa. Mas, caros leitores, há na Regra tanto e tanto que poderia e deveria ser vivenciado por nós, os leigos, como é o sentido profundamente evangélico que encerra o acolhimento...

Por que fechamos tantas e tantas vezes o nosso coração a quem nos pede um minuto de escuta com o pretexto de que temos muito a fazer?



Foto | Imagem gerada com recurso a IA (gemini.google.com)

(*) Carlos Aguiar Gomes

Notas sobre o silêncio (*)

Há um desejo de silêncio. E o desejo de silêncio produz som.

*

O silêncio, diferentemente do som, não se pode produzir.

*

O silêncio que contemplamos no Universo, não é do Universo, mas de Deus.

*

No universo físico, não há silêncio. Qualquer corpo, por ínfimo que seja, é um som. Mesmo o espaço vazio ondula e vibra.

*

O oposto do silêncio não é o ruído, mas o aturdimento.

*

O som requer silêncio; o silêncio pede um som.

*

Tal como o tempo não corta a eternidade, assim o silêncio não é cortado pelo som.

*

A morte não é silenciosa.

*

O silêncio de que Deus é acusado é, afinal, o da surdez do Homem.

*

O horror e o sofrimento não nos silenciam, mas emudecem-nos.

*

Deus nunca emudece. Desde o princípio, não cessa de chamar ao nosso ouvido.

*

O Universo começa com um som: é a Palavra.

*

A ciência enfrenta-se com o ruído, a filosofia com o clamor, a poesia com o silêncio.

*

A voz humana degrada-se quando abjura do silêncio.

*

Muitos se atrevem a falar sobre o silêncio. Mas do silêncio só raros poemas se fazem ouvir.

*

A palavra de Deus é poética. A sua voz é litúrgica.

*

Se interrompo o som, o silêncio comparece – idêntico, total, como é sempre.

*

A escuta do silêncio é a contemplação de Deus.

*

O silêncio de Deus é a Sua palavra.

*

Todos perscrutamos os ruídos de uns e outros. Apenas os que amam perscrutam os silêncios.

*

A música é arte de silêncio.

*

Também o silêncio tem ritmo.

*

Um dia é uma infinidade de ruídos num contínuo de silêncio.

*

O silêncio é símbolo de Deus.

*

Para experimentar o silêncio, a alma deve cantar.

*

A alegria do silêncio só o simples a alcança.

*

A produção maciça de ruído é a característica específica do contemporâneo.

*

Em todos os tempos, tudo o que é ruidoso é moderno.

*

A víscera ruidosa não é o coração, mas o cérebro.

*

Incapaz de silêncio, a mente moderna é incapaz de Deus.

*

Incapaz de Deus, a mente moderna detesta o silêncio.

*

A informação é ruidosa; a sabedoria silenciosa.

*

Há a leitura que procura o ruído e a que procura o silêncio. Só esta última salva.

*

A arte dos ícones é o silêncio do silêncio.

*

Tal como tudo possui temperatura e o zero absoluto não existe, assim para a ciência tudo é som e o silêncio um mero nome.

*

A sílaba sagrada que contém todos os Vedas é uma pronúncia do silêncio.

*

O Logos é o Rosto do silêncio.

*

O Universo é som que ressalta do silêncio. E por trás deste silêncio há silêncio ainda.

*

O amor manifesta a unidade da palavra e do silêncio.

*

O silêncio é frágil. Precisa de ser amado.

*

O mais delicado modo do silêncio é a caridade.

*

Aquele que ama sabe calar.

*

O instrumento do silêncio é a oração.

*

O grito dos que sofrem dissipa-se no ruído. Mas é acolhido pelo silêncio.

*

A destruição moderna do silêncio é a prosa do mundo.

*

A poesia é a sombra do silêncio.

*

Se queres ouvir silêncio, faz-te silencioso.

*

O silêncio também pode ser olhado – é a beleza.

*

Também o silêncio precisa de atenção. Um descuido e logo ele se perde.

*

Um poema breve pode ser ruidoso. Um longo, silencioso.

*

O crime procura o silêncio. Mas o silêncio afasta o crime.

*

Só uma conversa é silenciosa: a oração.

*

A verdadeira clave de uma pauta é o silêncio.

*

Poeta conversador põe o silêncio em fuga. Um verso conversado destrói o poema.

*

As árvores frutificam em silêncio.

*

O pensamento do filósofo é tumultuoso. O do santo, silencioso.

*

É pela voz que provamos o silêncio.

*

Amores ruidosos, furores silenciosos – quem pode entender os que se amam?

*

A entropia do som é ruído e não silêncio.

*

A promiscuidade faz ruído. A intimidade, silêncio.

*

A distância torna o caos silencioso.

*

O silêncio é contínuo. Só o intervalo entre sons permite a fala, o espaço entre palavras a leitura, o tempo entre corpos o desejo.

*

O silêncio não se manifesta no intervalo dos sons, mas no seu ritmo. Ruído e aturdimento são arrítmicos.

*

Todos os sons do mundo provêm de um só sopro que provém de um só silêncio.

*

Sopro, som, voz e palavra – percurso da espiral cujo eixo é o silêncio.

*

Há um silêncio de vida e um silêncio de morte. O primeiro faz o ouvido, o segundo destrói-o.

*

O bem é silencioso.

*

Na trombeta, no fragor e no trovão, Deus comparece. Mas só na silente brisa Se dá a conhecer.

*

Todo o poema fracassa onde se cumpre: no silêncio.

(*) Carlos Poças Falcão



CÍRCULO INTERNACIONAL CRISTÃOS PELO AMBIENTE S. JOÃO GUALBERTO (ARBUTUS UNEDO)

Às vezes, muitas mesmo, precisaríamos de nos concentrar nas visibilidades que nos rodeiam. Deixamos escapá-las, infelizmente, absorvidos pelo ruído e pelas diferentes distrações alianadoras. E não precisam de ser “coisas” extraordinárias. Criaturas simples e humildes fazem-nos pensar. Assim, estas plantas em sucessão geracional “falam-nos” como livros abertos.

Aqui fica para o leitor poder “ler” o que elas permitem interpretar:



A sucessão de gerações: sem dramas, em verdadeira coexistência geracional. Urge, entre os humanos, compreender e viver a intergeracionalidade. Para estas plantas não há “idadismo” tão na moda entre humanos. Cumprida a missão para a vida, vem a morte. Naturalmente. Entretanto, outras vidas crescem e abrem-se à vida. Deus é providente.



Instituto Internacional **FAMILIARIS CONSORTIO**

O “POVO DA VIDA”, cada vez mais se manifesta publicamente sem receio de represálias.

No passado dia 13 de Junho, Roma assistiu à grandiosa “XIV MARCHA PELA VIDA”. Foram muitos milhares que saíram à rua clamando pelo respeito do primeiro e mais fundamental DIREITO HUMANO: o **DIREITO À VIDA**, da concepção à morte natural.

O momento alto desta grandiosa manifestação foi a leitura de uma mensagem de apoio do grande ANDREA BOCELLI que todos conhecemos e apreciamos.

Nesta mensagem impactante, o famoso tenor, referiu: **“A minha Mãe , a quem os médicos aconselharam a não continuar**

com a gravidez, escolheu confiar na vida e não renunciar às suas responsabilidades. Aconselharam-na a não continuar com a gravidez, mas decidiu confiar na vida e não recuar. Devo tudo a esta decisão (...). A vida quando se acolhe em vez temer-se, multiplica-se e as civilizações que prosperaram são as que investiram nas novas gerações.”

Esta extraordinária mensagem-testemunho foi imensamente ovacionada e comoveu todos os presentes.

Andrea Bocelli , um dos mais famosos tenores da actualidade, invisual, deu, assim, um precioso contributo para a causa da Vida. Devemos à coragem e confiança na vida de sua Mãe, termos hoje o prazer de ouvir uma das mais belas vozes deste momento.



Foto | infovaticana.com

“A minha Mãe, a quem os médicos aconselharam a não continuar com a gravidez, escolheu confiar na vida e não renunciar às suas responsabilidades. Aconselharam-na a não continuar com a gravidez, mas decidi confiar na vida e não recuar. Devo tudo a esta decisão(...).

A vida quando se acolhe em vez temer-se, multiplica-se e as civilizações que prosperaram são as que investiram nas novas gerações.”



GRANDES FILHOS ESPIRITUAIS DE SÃO BENTO

SANTA GERTRUDES

Ao morrer, em 547, S. Bento, um eterno e modelar “BUSCADOR DE DEUS”, deixou-nos uma herança preciosa. A saber:

- a sua vida, fidedignamente contada por S. Gregório Magno, Papa;
- a Regra que ainda hoje mantém uma actualidade impressionante, como no tempo em que foi escrita, o do colapso do Império Romano;
- e a plêiade imensa de seus filhos espirituais que se destacaram ao longo da história pela santidade, pelo saber plural e muito diversificado e por serem, a maioria, modelos de vida. Foram Papas, Bispos, simples monges e monjas, Príncipes e Princesas ou pessoas simples do povo. Do século VI (como S. Plácido, o primeiro mártir beneditino) até aos tempos actuais, como os mártires recentes cistercienses de Tiberine, massacrados por fanáticos islamitas (lembra-se do filme fabuloso, “Dos Deuses e dos Homens?”).

Neste número do nosso Boletim vamos falar, de uma das mais famosas monjas beneditinas, cuja festa se celebra a 16 de Novembro: **Santa Gertrudes, Magna** e que tem uma estátua excelentemente trabalhada no claustro da cripta da Basílica de São Bento da Porta Aberta.



Foto | Escultura de Santa Gertrudes no Mosteiro de Tibães

Santa Gertrudes nasceu em 1256 em Eisleben (hoje território da Alemanha) e cedo foi entregue pelos pais para ser educado no mosteiro cisterciense de Helfa, abadia onde acabou por professar e de onde foi Abadesa. Foi discípula de outra grande santa, Santa Matilde de Hackeborn. Inteligente e estudiosa, distinguiu-se pela grande quantidade de trabalhos que escreveu e nos deixou. Teve várias revelações e, por consequência, tornou-se uma apóstola da devoção ao Sagrado Coração de Jesus. Profundamente mariana, tinha uma muito particular devoção pelas solenidades da Anunciação e da Assunção de Nossa Senhora ao céu.

O rigor e intensidade com a qual vivia a Santa Regra, Gertrudes começou a adoecer. Em 1288 adoece gravemente, uma longa e dolorosa caminhada para a morte que acontece no dia 17 de Novembro de 1301 (ou 1302?).

A sua santidade foi reconhecida em 1536, ano em que foram publicadas, em latim, as suas muitas obras. O Papa Inocêncio XI inscreve-a em 1677 no Martilogo Romano e Clemente XII, por decreto de 1738, estabelece que a santa seja festejada em toda a Igreja Ocidental. Em 1969, a sua festa foi fixada no dia 16 de Novembro.

Preocupada para que o seu saber, imenso, não ficasse esquecido e, assim, não ser útil a ninguém, Santa Gertrudes pensou em escrever as suas múltiplas obras em alemão, tornando-as, deste modo, acessíveis a todos.

Das suas obras mais famosas, destacam-se as “Revelações” que, como o nome indica, tratam das comunicações divinas que teve e dos seus dons místicos e os “Exercícios Espirituais”, que compilam uma série de orações e meditações.

A sua espiritualidade baseia-se, essencialmente, no mistério da Santíssima Trindade, sobre a pessoa de Jesus Cristo e as virtudes cristãs.

A sua representação aparece, como é natural, vestida como monja cisterciense e, no peito, com o coração (de Jesus) que nos remete para uma das suas revelações místicas, durante a qual, Jesus a convidou a sentir bater o Seu coração.

(*) Carlos Aguiar Gomes

Oração a Santa Gertrudes

"Eterno Pai, ofereço-Vos o Preciosíssimo Sangue de Vosso Divino Filho Jesus, em união com todas as Missas que hoje são celebradas em todo o Mundo; por todas as santas almas do Purgatório, pelos pecadores de todos os lugares, pelos pecadores da Igreja Universal, pelos de minha casa e meus vizinhos.
Amém."

São Bartolomeu dos Mártires a DOUTOR DA IGREJA!

Quando andava no Liceu, talvez no 4.º ano, “conheci” Dom Frei Bartolomeu dos Mártires, a partir de extractos que continha a Selecta Literária (o livro de leitura- literatura de Português) da “Vida do Arcebispo” de Frei Luís de Sousa. Talvez uma página desta obra. Mas uma página que me marcou até hoje e me fez admirar imenso este Arcebispo de Braga de quem nunca ouvira falar até essa altura. E fiquei fascinado... Um Arcebispo de Braga, a cavalo de uma mula, no rigor do Inverno transmontano, calcorreava caminhos ínvios à procura de aldeias pobres, negras, analfabetas e ignorantes das “coisas” de Deus! Não levava séquito pomposo nem abundância de víveres. Ia pobre como os pobres que ia visitar e ensinar. Pobrememente morreu, partilhando sempre tudo, que era pouco por sua vontade, com quem nada tinha.

Vivia pobrememente. E, por exemplo, disse directamente ao Papa que a baixela de prata em que eram servidas as refeições não ficavam bem e logo se comprometeu, e cumpriu, de lhe enviar um serviço de porcelana.



Adolescente, achava espantoso como um Senhor, Arcebispo de Braga, se deslocava assim, vivia assim e dava o exemplo a todos de uma vida austera mais consentânea com a sua condição de cristão. Mas era um intelectual do mais elevado gabarito, tanto quanto a sua humildade.

Ficou-me gravada na memória a figura de Dom Frei Bartolomeu dos Mártires, um lisboeta (baptizado na hoje Basílica dos Mártires) que tinha optado pela vida frugal e desprendida dos dominicanos e que muito contrariado aceita a insistência da Rainha para ser o Arcebispo de Braga.

Os meus leitores, que sabem muito mais do que eu sobre a vida e a obra deste grande Arcebispo de Braga, perdoar-me-ão de aqui exarar alguns dados conhecidos de todos:

O Concílio de Trento, grande acontecimento da vida da Igreja, teve, além do Papa, como grande protagonista o “Bracarense”, como era conhecido. A sua obra “Estímulo de Pastores” que escreveu para si, teve um sucesso enorme na altura e no II Concílio do Vaticano, quatrocentos anos depois, foi distribuído a todos os Padres conciliares. Ficou célebre o seu “Catecismo” que os párocos deveriam explicar aos Domingos a todos os fregueses, dada a suma ignorância destes e dos seus paroquianos!

O “Bracarense” (como os actuais e futuros bracarense se deveriam orgulhar deste epíteto dado ao mais extraordinário Arcebispo de Braga – não refiro os brilhantíssimos Antístites de Braga que deixaram marcas profundas. Dom Frei Bartolomeu dos Mártires atingiu outro patamar de santidade!), foi “canonizado” pelo povo, sobretudo entre os mais pobres da “Viana da Foz do Lima”; finalmente, a Igreja canonizou-o de facto em 10 de Novembro de 2019, pelo Papa Francisco, na Basílica de S. Pedro.

... Mas será preciso divulgar muito mais a vida e o exemplo deste grande Arcebispo de Braga, sobretudo, hoje, em que uma crise profunda abala os fundamentos da sociedade e a que a Igreja não escapa.

São Frei Bartolomeu dos Mártires é exemplo de humildade, de sobriedade, de caridade, de justiça, de tolerância, de sabedoria que não se aloja em mentes egoístas...

Como já escrevi acima, desde a minha adolescência que Dom Frei Bartolomeu dos Mártires me fascina.

Que riqueza hoje praticamente inexplorada é a sua obra escrita!

Que exemplo é a sua vida, a oportunidade do seu saber plasmada em

várias obras (p.e. “Estimulo de Pastores” e “Catecismo”) que ainda hoje são lidas e tidas como referências. Além disso foi o primeiro Padre conciliar a mandar construir um Seminário para a formação do Clero que encontrou profundamente ignorante.

São Frei Bartolomeu dos Mártires merece ser declarado Doutor da Igreja. A sua obra justifica-o. O seu exemplo de vida continua vivo.

(*) Carlos Aguiar Gomes

Notas biográficas:

- Nasceu em Lisboa e aí baptizado (na igreja dos Mártires, daí o seu nome como frade dominicano) a 3 de Maio de 1514.
- Arcebispo de Braga de 1559 a 1582, tendo oferecido muita resistência em aceitar servir a Igreja como Arcebispo de Braga e Primaz das Espanhas (dignidade que defendeu tenazmente).
- Participou com grande actividade e eloquência em 1562 e 1563, respeitado por todos os Padres conciliares e pelo próprio Papa (este, tinha uma grande estima pelo “Bracarense”) no Concílio de Trento.
- Percorreu grande parte da sua imensa arquidiocese numa mula.
- Faleceu com 76 anos, em 16 de Julho de 1590 no Convento de S. Domingos, Viana do Castelo, que por ele foi mandado construir e onde repousam os seus restos mortais.



Oração a

São Frei Bartolomeu dos Mártires (*)

Senhor, que dotastes de grande caridade apostólica São Bartolomeu dos Mártires, protegei sempre a vossa Igreja de modo que, assim como ele foi glorioso na sua solicitude pastoral, também nós sejamos, pela sua intercessão, sempre fervorosos no vosso amor, no compromisso eclesial desde a juventude.

Por Cristo, nosso Senhor.

Ámen.

(*) Oração que consta do site oficial da JMJ 2023 que apresenta Frei Bartolomeu dos Mártires como patrono do encontro mundial de Jovens realizado na cidade de Lisboa em 2023

Pedaços da nossa história



10

CHARTE D'ERECTION CANONIQUE

ROGERIUS MICHON EPISCOPUS CARNUTENSIS

omnibus praesentes inspecturis salutem in Domino.

Cultum Beatissimae Virginis Mariae cum augendi cupidi sumus, necnon christifidelibus qui utpote milites supradictam beatissimam Virginem Dominam suam et Reginam mundi servire desiderant, ad Regnum Christi Jesu in cordibus et institutionibus hominum secundum doctrinam summorum Pontificum conciliorumque, praesertim S. Synodi oecumenici Vaticani II, aptius promovendum, facultatem dandi,

libenter accedimus petitioni a Reverendo Patre Domno Maria Gerardo LAFOND, OSB., eximiisque militibus Johanne de PENFENTENYO de KERVEREGUIN et Andrea JOZAN, alio fundatore, alio pro-magistro, alio praeposito Ordinis seu Militiae Sanctae Mariae anno MCMXLV creatae, necnon ab omnibus militibus dicti Ordinis, ad Nos praesentatae, in honorem Virginis Pariturae, per praesentes litteras, dictum Ordinem seu Militiam Sanctae Mariae, vulgo "Ordre des chevaliers de Notre-Dame", ut confraternitatem B. Mariae Virginis in crypta ecclesiae cathedralis sitam, statuimus et instituimus, ad fidem servendam, Ecclesiam sanctam defendendam et christianum ordinem seu Christianitatem atque pacem promovendos, secundum regulam, statuta, consuetudines et ritus in eadem Militia jam usitatos.

Ad cujus rei fidem hanc chartam in duobus documentis transcriptam, altero in Tabulario diocesis, altero in cancellaria Militiae condendis, subsignavimus sigilloque nostro duximus roborandam, Datum apud Carnutos, in Vigilia Nativitatis Domini nostri Jesu Christi, Anno ejusdem MCMLXIV.

+ Roger Michon
ep. Carnutensis

Cujus testes fuerunt :
Reverendissimus ac illustrissimus Dominus
Marcus LALLIER
Archiepiscopus Massiliensis;
Nobilissimus et illustrissimus Dominus Franciscus
Xaverius de BOURBON de PARME,
miles Sancti Sepulchri

pro manuscripto
Ven. Canonicus VIVIEN,
Cancellarius Curiae episcopalis.



**Flutuar? Sim, e só, para
buscar a luz do Sol**

(Carlos Aguiar Gomes)